

INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 Nova Iguaçu (RJ)
Tel. (021) 767-0472

ANO 5 Nº 10
JUNHO DE 1982.

NO RIACHÃO

Dom Adriano
recebe o
apoio de
dez mil fiéis.



DIOCESE celebra — no Riachão — a Unidade.

Já faz algum tempo que a Paróquia do Riachão vem passando por sérios problemas pastorais. Acontece que alguns dos paroquianos de lá, estão sendo levados pela ação do Pe. Valdir Ros (FAVOR NÃO CONFUNDIR com o Pe. VALDIR DE OLIVEIRA -Vigário de MESQUITA).

Pe. Valdir Ros já não pertence mais à nossa Diocese. De lá ele se retirou em dezembro de 1981, transferindo-se com o INSTITUTO ESTRELA MISSIONÁRIA, para a Diocese de Foz de Iguaçu, no Paraná.

Ele voltou e, dando mostras de que não está bem de saúde, vem criando problemas para a Diocese e para o Povo de Deus presente no Riachão. Ele e seu grupo de seguidores invadiram com violência a Igreja Matriz do Riachão e algumas comunidades vizinhas e auto-nomeou-se vigário, desrespeitando assim a autoridade do Bispo —que é quem por direito pode nomear vigários. Mesmo proibido de fazer batizados, casamentos, ouvir confissões, celebrar missas, ele continua exercendo estes ministérios. (A proibição existe porque ele já não pertence à diocese, porque para exercer tais ministérios é necessária a nomeação do bispo e a aprovação do Conselho Presbiteral).

Invadindo e fechando as Igrejas, o Pe. Valdir Ros impede o Povo de ter acesso às celebrações, à catequese, aos batizados e aos demais sacramentos.



Pe. VALDIR ROS

Ele rompeu com a Unidade do Povo de Deus. E já não quer viver em comunhão com a Igreja de Cristo presente e atuante em Nova Iguaçu. Sua ação procura semear discórdia no meio de nós. No meio do trigo que plantamos, ele semeia o joio da divisão. Acusa-nos de comunistas. Chama o nosso irmão-bispo, D. Adriano de maçon, comunista e até de demônio. Calunia e persegue a todos. Diz que os Bispos do Brasil e o Vaticano são corruptos e que o Papa não tem liderança nenhuma. E mais: afirma que quem não escutar o Pe. Valdir Ros estará condenado ao fogo do inferno.

" CELEBRANDO A UNIDADE "

Para não pecarmos contra a caridade fraterna a gente foi levando o problema, sem fazer escândalo ou usar as armas da violência. Mas até isto foi visto como covardia da nossa parte ou como um "quem cala consente". Durante muito tempo, sofremos calados a sexta-feira santa de sofrimento e de cruz. Sofremos o peso da discórdia e da desconfiança, o enfraquecimento da caminhada. Mas percebemos que já era hora de experimentar o doce sabor da ressurreição.

E foi assim que às 9 horas, do dia 23 de maio, estávamos todos reunidos no Riachão, para celebrar a FORÇA da nossa UNIÃO. Solidários a nós, estava o bispo de Volta Redonda, D. Waldyr; o bispo de Caxias, D. Mauro e nosso companheiro D. Hermínio.



Os grandes jornais noticiaram que havia dez mil pessoas participando da Missa, A gente não sabe bem se isto é verdade. Tudo o que sabemos é que tinha gente, e tanta - que não dava para contar.

Aquele mundaréu de gente, vindos de todas as partes da diocese, estava ali para celebrar a força da união e expressar a sua solidariedade ao nosso bispo D. Adria no Hypólito. Nossas orações e o nosso canto eram uma PROFISSÃO DE FÉ, como aque-



la que se exigia dos primeiros cristãos nos momentos da mais forte perseguição.

Pe. Valdir Ros não apareceu. Trançou-se na sede do antigo Seminário (dizem que ele tem medo de tudo e de todos. Quando chega qualquer pessoa querendo falar com ele, imediatamente, toca uma sineta e logo seus seguidores aparecem).

Seus seguidores, no entanto, tumultuavam a celebração. Eram uma minoria formada de mulheres, adolescentes e crianças. E que aos gritos de "queremos Pe. Valdir" tentavam impedir a nossa oração. E tamanho era o fanatismo que não respeitaram nem mesmo a Palavra de Deus e muito menos ainda a Eucaristia. porque a leitura do Evangelho e a Consagração foram realizadas debaixo de vaias.

Voltamos para casa mais esperançosos. Caminhando na certeza de que nada será capaz de impedir a caminhada do Povo de Deus.

A PALAVRA DO POVO

- *"Estou rouca de tanto rezar e cantar. Nunca rezei com tanta convicção quanto hoje".
- * "Eu que nunca canto quando participo da missa; sem querer me vi cantando. Sentia que era preciso unir forças".
- *"Tinha gente chorando. Foi uma experiência que marcou a minha vida : Professar a minha fé em meio às vaias e os gritos dos que achavam loucura a nossa fé."
- *"Me emocionou ver uma senhora que com gestos largos de abrir os braços e bater no peito, rezava a oração da Paz".
- * "Uma velhinha solidária a Dom Adriano evangelizava uma outra velhinha, seguidora do Pe. Valdir que estava vaiando na hora da consagração."
- * " Uma mulher me disse que o hino de Nossa Senhora que cantamos, tínhamos aprendido com eles e, com o Pe. Valdir. Então eu disse: "Por que então, a senhora não canta junto conosco ?"



"A verdade nos Libertará"

5.

Sob o título de "A VERDADE VOS LIBERTARÁ!" estamos publicando, des de fevereiro, reflexões que visam questionar os nossos processos educativos. Já falamos de Escola, Catequese, Cultura Popular, Liturgia... Neste mês gostaríamos de enfocar um pouco a figura do AGENTE DE PASTORAL.

" O AGENTE DE PASTORAL E SEUS PROCESSOS EDUCATIVOS "

Agente de Pastoral é uma denominação que usamos para dizer padres, religiosos(as) e leigos engajados que atuam nos meios populares.

A missão do Agente de Pastoral é no meio do Povo e com o Povo. E não uma missão PARA o Povo. Acontece, porém, que eles nem sempre pertencem às classes populares. Isto porque nós, agentes pastorais, na maioria das vezes, somos uma pequena burguesia que assume sempre todas as tarefas ministeriais na Comunidade.

Somos mais letrados, frequentamos a Escola e até mesmo a Universidade, temos uma situação financeira um pouco melhor, etc. etc... Nas CEBs, no entanto, é mais fácil en-

contrarmos agentes que são POVO, que nasceram no meio do Povo, que são pobres e iletrados como o Povo. Não foram impostos por hierarquia nenhuma, São ministros natos que se destacaram pela força de seu carisma, pela sua capacidade de iniciativa, por sua visão mais clara das coisas. A comunidade os aceita, porque reconhece que têm valor.

Mas, tanto o Agente que vem de fora e o que surgiu no seio da própria comunidade precisam vencer a tentação de serem os maiores, donos de privilégios, donos do "saber" e do "poder" na Comunidade.



6.

" UM SABER QUE É SERVIÇO "

O nosso saber é importante, mas não está em nós para nos dar o direito de dizer o que o Povo DEVE ou NÃO DEVE pensar ou fazer. Querem ver só um exemplo disto: "Quantas vezes chegamos num bairro com propostas de criação de uma ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DE BAIRRO sem nos preocuparmos com a experiência que eles já tiveram deste tipo de associação e que pode ter sido de brigas desgastantes ou de autoritarismo ta



manho, que por hora não querem nem ouvir falar desse tipo de organização. Outras vezes insistimos para que o Povo substituia seus cânticos "tradicionais" por outros mais "engajados" que lhes ensinamos, sem nos importarmos de que, para eles, estes cânticos, tidos como tradicionais, têm um significado importante e até mesmo libertador." O que somos muitas vezes, é meros executores de programas definidos por outros. Somos porta-vozes de uma autoridade maior que dita normas e reforça a submisão.

Em nosso trabalho pastoral temos que, constantemente, nos avaliar, porque por mais que nos liguemos ao Povo e às classes oprimidas, nós temos que admitir: NÃO SOFREMOS A EXPLORAÇÃO QUE O POVO SOFRE. Não sofremos o que sofre o trabalhador, não passamos pelas humilhações que passam os que procuram o INPS e muito menos vivemos a insegurança do que será o amanhã. Quando falamos em nome do trabalhador, quando falamos de exploração, baixo salário ou quando reivindicamos terra para quem nela trabalha, o fazemos a partir do que lemos, do que ouvimos ou pesquisamos. O trabalhador ao contrário de nós, é quem vi

ve a experiência amarga de ser
EXPLORADO.

" CAMINHOS QUE O AGENTE DE
PASTORAL DEVE EVITAR "

- * o caminho do assistencialismo paternalista, porque isto humilha as pessoas e as afasta da Comunidade.
- + o caminho da monopolização, isto é, não se tornar dono da Palavra de Deus, dos sacramentos, das celebrações, das bênçãos...
- * o caminho do estar sempre por cima: a presença do padre ou do Agente de Pastoral inibe a participação do Povo. Abatido pelo sentimento de ignorância que lhe impomos, fica paralizado. Para ele, padres e agentes pastorais são uns "doutor-sabe-tudo". E só quando padres e agentes aprenderam mais a ouvir do que falar e permite que a comunidade decida e faça tudo à vontade é que a vida volta ao normal.
- + o caminho da formação que separa o Agente de sua Comunidade. O ministério deve ser aprendido na troca de experiência. Tirar o Agente da comunidade para dar-lhe uma formação teológica em banco de escola, é promovê-lo socialmente, é transformá-lo em elite, incapaz de se identificar depois com sua gente.
- * o caminho da organização de reflexões e tarefas de cima para baixo, pois com isto estaríamos reforçando as práticas de dominação que já existem e que esmagam o Povo. "Uma coisa é o animador da Comunidade contar para o grupo de base, como foi o Encontro dos Agentes de Pastoral. Outra coisa



bem diferente, é eles mesmos poderem participar, conhecerem novos companheiros, trocar experiências. O Animador acaba sendo um privilegiado e corre o risco de ser considerado pelo grupo como aquele que "sabe das coisas". Um outro problema: é que na organização de cima para baixo as linhas de ação, propostas e aprovadas, nem sempre se encaixam na realidade dos grupos da base e aí o Animador vai ter que convencer o seu grupo a discutir e a fazer coisas que surgiram da realidade de outras pessoas.

+ o caminho de levar para o grupo coisas já prontas e mastigadas, também deve ser evitado. Estas coisas nós apresentamos como verdadeiras, porque nos achamos no direito de decidir o que eles devem SABER. Ao contrário, a discussão deve ser desenvolvida pelo grupo. É ele quem conduz a discussão. É o grupo que, através do senso-crítico decide quais devem ser as suas prioridades.

Nosso trabalho é o de dar força ao que fazem e não elaborar as coisas para eles.

Exemplificando: Se me pedem para explicar melhor o AT, eu não vou logo ensinar-lhes como devem ligar o AT com a realidade de hoje, o como devem ou não compreender a Deus e a fé, na história. O meu trabalho de Agente pastoral seria o de dar a eles aquilo que os textos sagrados não dão, isto é, o contexto histórico do Povo da Bíblia, suas lutas, seus problemas, situando-os no contexto da época e da narrativa bíblica. O resto fica por conta do grupo descobrir.

* o caminho de na discussão ser o dono da última palavra. O Agente deve dar a sua contribuição como um outro elemento qualquer do grupo. Ele não está aí para vetar o que o grupo decidiu. Precisa aprender a calar e aceitar soluções assumidas ainda que não sejam as melhores ou as mais perfeitas.



Se o próprio grupo conduz as suas discussões e ações, reforça o seu poder de transformar a sociedade, reforça o poder de decidir quais as lutas e formas de organização capazes de concretizar as novas regras de um mundo mais justo, mais humano e mais fraterno. Com isto desenvolve sua própria força de pensar. Não pensará mais pela cabeça do padre, da freira, do Agente de Pastoral leigo, da TV. Ele aprenderá a explicar a vida e o mundo, porque já não produzirá um saber competitivo e individualista, mas um SABER coletivo e solidário, onde cada um tem uma contribuição importante a dar e nesta contribuição de cada um é que entra, também, o agente de pastoral.

"A PRÁTICA EDUCATIVA DAS CEBs"

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) vivem este processo educativo. Suas práticas levam à COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO. Seus métodos são simples e fáceis.

- Nas CEBs há o respeito pela opinião de cada um.
- Há a valorização da experiência vivida.
- o Animador da Comunidade não domina os outros, mas reconhece a dignidade das pessoas.
- a Comunidade inteira cresce e promove as capacidades de cada um.
- abrem caminhos e esperanças novas.
- os pobres são os melhores ouvintes e os portadores da Palavra
- o Povo simples propicia a conversão e o aprendizado do Agente de Pastoral.

- a CEB é a fonte onde brotam os novos Ministérios eclesiais.

E tudo isto educa para a fraternidade e para a Verdade que liberta.



- MINISTÉRIOS - I

Seis paróquias sem padres, um número cada vez maior de comunidades que surgem, a falta de missionários que possam vir para a Baixada, nossos seminaristas ainda em fase de formação, uma crise da imagem e da missão do padre, os novos ministérios.

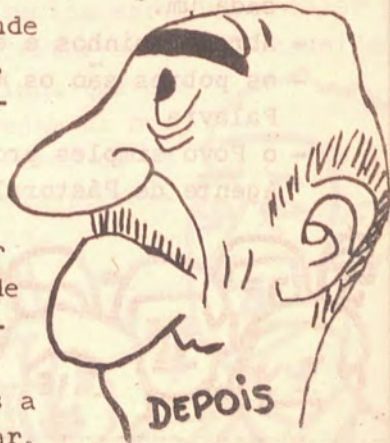
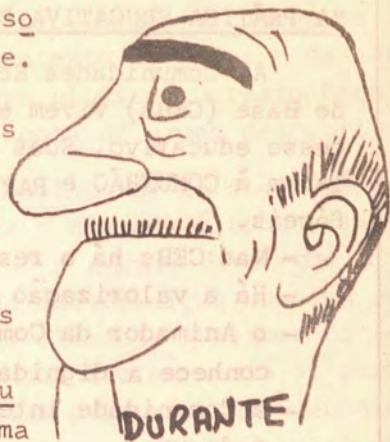
Estes e outros problemas preocupam a Diocese e foram eles que nos levaram, cheios de esperança, a realizar nos dias 11, 12 e 13 de maio, no Centro de Formação um Seminário sobre os MINISTÉRIOS, orientado pelo Pe. Alberto Antoniazzi.

O Encontro nos foi colocando aos poucos, com os pés no chão. Percebemos que os nossos problemas nos faziam sonhar com soluções, aparentemente fáceis, mas que não correspondiam na prática às reais necessidades do Povo de Deus.

Ao final dos três dias nossa euforia inicial, foi cedendo lugar a uma tomada de consciência de que um grande desafio nos espera daqui por diante.

O Encontro não nos trouxe soluções prontas. Talvez até nos tenha deixado com mais "minhocas" na cabeça do que antes. Ele nos fez ver que os passos seguintes vão depender da nossa coragem em correr riscos, de ceder, de valorizar, e muito, o ministério dos leigos.

O Seminário acabou, restou-nos a tarefa do arregaçar as mangas e lutar.



MINISTÉRIOS

"MAS O QUE É MESMO
ESTA COISA CHAMADA
MINISTÉRIO ?



- + Me explica uma coisa, ó cara! Que negócio é este de Ministério da Igreja e Ministérios (no plural) da Igreja?
- Quando a gente fala de MINISTÉRIO, estamos falando da MISSÃO da Igreja, mas se a gente diz ministérios, estamos falando de SERVIÇOS. E neste sentido, ministério É TODO E QUALQUER SERVIÇO QUE A GENTE PRESTA À COMUNIDADE.
- + Rapaz! Eu sempre pensei que ministério era só o serviço do padre e do bispo.
- Não é só você que pensa assim, não. Antigamente a Igreja também pensava assim. Mas à luz da Palavra de Deus e do Concílio Vaticano II, a gente, hoje, pode dizer que TODA A COMUNIDADE É MINISTERIAL, porque juntos com padres, religiosos e bispos fazemos parte do povo de Deus, somos Igreja e participamos da mesma missão de EVANGELIZAÇÃO e LIBERTAÇÃO.
- + Acho que entendi: Catequese, visitar os doentes, Equipes de Liturgia, auxiliar de Eucaristia, coordenação de Círculos bíblicos ou clube de mães, conselho comunitário e paroquial, pastoral operária, pastoral da terra, pastoral de jovens, acolher os recém-chegados, rezador, puxador de cantos... são ministérios!
- É isto aí. Visitador de outras CEBs, alfabetizador, fazer a limpeza da igreja, conscientizador político, organizador de festas, do dízimo, secretaria, tesouraria, ministros da celebração do Batismo e do Matrimônio e muitos outros serviços, também são ministérios.
- + Ah! Então vai ser preciso que o padre confie mais nos leigos e deixe para nós as tarefas que cabem a nós realizar.
- Correto! Muita coisa deve ainda mudar nos ministérios da Igreja: Deve mudar a PREPARAÇÃO dos ministros e dos padres; deve mudar a imagem que fazemos do padre; deve mudar a ima-

gem que temos de nós mesmos. Acreditando mais — que pelo Batismo somos chamados à Missão, ao serviço da Comunidade. Isto traz como consequência a nossa aceitação dos ministros leigos. A verdade é que a gente desconfia da ação do Espírito Santo em nós.



- + Então é por isso que a gente não dá muito valor às celebrações sem padre e nem aos ministros leigos do Batismo e do Matrimônio!
- É isto aí! A gente pensa que a missão de ser SACERDOTE, REI e PROFETA que o Batismo nos dá é só de mentirinha e jogamos tudo nas costas do Padre, quando tanto ele quanto nós somos Igreja e templos do Espírito Santo de Deus.
- + E que outras coisas deveriam mudar?
- O pessoal lá no Seminário Sobre Ministérios deu outras pistas: o direito de cada comunidade ter o seu sacerdote, casado ou não, para celebrar a Eucaristia, o direito de quem preside a comunidade de presidir a Eucaristia. Uma melhor distribuição dos serviços para que não fiquem nas mãos de uns poucos. Uma maior valorização dos dons e carismas de cada um; o reconhecimento dos ministérios exercidos para fora da Comunidade, como por exemplo os que se realizam entre operários, na fábrica, no sindicato, nas Associações de Moradores. Pensar na possibilidade de os que preparam os pais para o Batismo e os noivos serem os mesmos que assumam a celebrações do sacramento...
- + Espera aí, cara! Assim você dá um nó nos meus miolos. Se é assim como você diz vai ser preciso mudar a teologia, o direito canônico e não sei mais quanta coisa...
- Nada disso companheiro. O Concílio, a teologia, em teoria já falam em tudo isto. O que está faltando mesmo é a coragem de partilhar, de repartir as tarefas da Igreja. O que está faltando mesmo é convocar os leigos a ssumirem o que pelo Batismo é seu DIREITO e o seu DEVER. Mas, são muitos os que temem perder o seu lugar de mando. A coragem de agir é o que nos falta. O medo de arriscar nos paraliza.



+ Resumindo a gente podia dizer que "TODA A COMUNIDADE É RESPONSÁVEL PELOS MINISTÉRIOS" e que eles devem ser REPARTIDOS.

- O pior é que você tem razão! Em Mt 28,18-20 Jesus ordena aos discípulos (e não só aos 12), que saiam pelo mundo e tornem discípulos a quem encontrarem. Isto implica que os ministérios é missão de todos. E isto implica que devemos confiar à Comunidade tudo que é possível, e especialmente as

grandes decisões (que quase sempre são tomadas por um pequeno grupo).

+ E como devem ser os Ministérios ?

- O Ministério autêntico é aquele que não inibe a participação da comunidade, mas a faz crescer. O ministro não deve se auto candidatar. Deve ser escolhido pela Comunidade. Nesta escolha todos devem se sentir responsáveis. Os ministérios de-vem ter suas origens nas necessidades reais da comunidade e não para que a gente possa dizer que temos. Ele precisa corresponder à missão da CEB. Deve ter um caráter evangelizador e libertador. Deve ser MISSIONÁRIO, isto é, voltado tam**ém** para os que estão fora da comunidade.

+ Obrigado! Você me ajudou bastante. Vou até levar umas perguntinhas para refletir junto com meu grupo, lá na Comunidade.

* QUE MINISTÉRIOS EXISTEM EM NOSSA COMUNIDADE ? (Acertos e dificuldades)

* QUAIS DELES SÃO REALMENTE NECESSÁRIOS ? POR QUÊ ?

* QUE OUTROS MINISTÉRIOS PRECISAMOS TER ? POR QUÊ ?

* ESTAMOS CONSCIENTES DE QUE O ESPÍRITO SANTO AGE ATRAVÉS DE NÓS , E NÃO SÓ ATRAVÉS DOS BISPOS, PADRES E IRMÃS ?

* O QUE PENSAR DA POSSIBILIDADE DE TERMOS EM NOSSA CEB MINISTROS-LEIGOS DO BATISMO e DO MATRIMÔNIO (Homens, mulheres, ou casais , por exemplo)?

O desafio está lançado. Precisamos de novos ministérios para servir ao Povo sofrido da Baixada. REFLITAM em seu grupos sobre o problema. Comuniquem ao Padre de vocês as con-clusões. Pesquisem junto ao povo . O Senhor nos chama !

PASTORAL OPERÁRIA

"O ano de 1982 é um ano de importância decisiva para a Classe Trabalhadora Brasileira, porque além da luta de cada dia para sobreviver à exploração e para derrubar a atual estrutura sindical, enfrentaremos dois grandes desafios: as eleições de novembro e o CONCLAT (Congresso da Classe Trabalhadora) marcado para o mês de agosto".

" O QUE É O CONCLAT ? "

O 1º CONCLAT aconteceu em agosto de 81, na Praia Grande - São Paulo. Reuniu cerca de 5.300 trabalhadores, entre dirigentes sindicais e militantes de base eleitos como delegados, envolvendo 1.114 sindicatos do campo e da cidade.

A idéia de um Encontro assim já vinha desde 1977 e aí houve forte reação da parte dos pelegos e dos patrões e também do Governo, que não desejavam a ORGANIZAÇÃO e o crescimento das lutas operárias.

Em 81 o Congresso acabou acontecendo. Foi uma vitória da classe trabalhadora que de

monstrou ser capaz de CON VOCAR, de ORGANIZAR e de REALIZAR um CONGRESSO de tamanha importância como foi o 1º CONCLAT.

Neste

CONCLAT se discutiu o Direito do Trabalho, Sindicalismo, Previdência Social, Reforma Agrária, Política Salarial e Econômica e, Problemas Nacionais.

Mas houve falhas: por falta de informação, muitos trabalhadores e trabalhadoras não participaram da preparação do CONCLAT. Houve também falhas de organização que certamente serão superadas no próximo Congresso.

Neste encontro de 1981 ficou decidida a realização do CONGRESSO DA CLASSE TRABALHADORA-82.

" O 2º CONCLAT - 1982 "

O objetivo desse 2º Congresso é a criação da CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT).

Participarão do Congresso os delegados (dirigentes sindicais e militantes de base) eleitos em ASSEMBLÉIAS e convocados para este fim.

A Pastoral Operária tem



ai uma missão importantíssima: a de participar da preparação dessas Assembléias e dos Encontros Municipais e Estaduais, a fim de que seja evitada que a convocação e a participação dos trabalhadores seja manipulada.

Mas desde já é preciso debater com os companheiros e companheiras a importância da PARTICIPAÇÃO das bases nas DECISÕES referentes ao CONCLAT, caso contrário, a CUT poderá ser um instrumento nas

mãos dos pelegos e controlada pelo Ministério do Trabalho.

" MAS O QUE É A CUT ? "

A CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES seria um instrumento capaz de mobilizar todos os trabalhadores do país numa luta comum. Seria uma Central Única que com muita luta conseguiria unificar todas as datas-bases dos aumentos dos trabalhadores e assim, nos fazer lutar todos numa mesma época por melhores salários e melhores condições de vida e tendo muito mais condições de deflagrar uma greve geral.

Um organismo nacional que poria em comunicação todos os sindicatos, pondo em comum todas as experiências de luta e informações e que se preocupasse com a nossa formação sindical e política.

Trabalhador! O CONCLAT/82 depende de você! E a CUT só irá surgir se você PARTICIPAR. Escolha bem os seus representantes. Divulgue, discuta com os companheiros os problemas da classe.

O mundo só será melhor quando os pequenos se ORGANIZAREM NUMA LUTA COMUM !

CATECUMENATO CRISMAL - II

Aqui estamos de volta com a 2ª parte de nosso CATECUMENATO CRISMAL. Quem leu o INFORMATIVO passado, está sabendo que estamos entrevistando Catarina, que é a coordenadora da pastoral de crisma diocesana. Ela está recordando para nós a História da Pastoral de Crisma na Diocese de N. Iguaçu.

Informativo - VOCÊ JÁ NOS FA-
LOU DAS PRI-
MEIRAS EXPERIÊNCIAS, AGORA
CONTE PARA NÓS QUAL O SUB-
SÍDIO USADO NA ÉPOCA ?

Catarina - A proposta de um subsídio co-
mum partiu da
Clara, que su-
geriu "GENTE
EM BUSCA DE
ALGO MAIS",
de Lúcio
Zorzi e pu-
blicado pe-
las Edi-
ções Paulinas.

Inf. - E QUAIS FORAM OS PAS-
SOS SEGUINTE ?

Catarina - Em princípio de
1978 começamos as
primeiras reuniões com os ca-
tequistas. Reuniões que se
resuniam em combinar o assun-
to dos encontros com os cris-
mandos e sugestões de possí-
veis dinâmicas a serem usadas.
Isto porque os catequistas

não viam tanta necessidade
de um aprofundamento mais or-
ganizado, visto que o 1º li-
vrinho tratava da
REALIDADE.

Eu estava
sem turma e
dedicava
meu tempo
à coordena-
ção destas
reuniões.

Inf. - E
DAÍ ?

Catarina - E
daí que che-

gando ao 2º livrinho que tra-
ta da pessoa de Jesus Cristo,
começaram os problemas. "Como
falar da Ressurreição?" Foi
então que eu assumi o aprofun-
damento do conteúdo-mensagem
a partir de livros ou artigos
de Carlos Mesters, Leonardo
Boff e outros. Partimos tam-
bém para reuniões semanais e
com dois grupos. Tudo era ano-
tado num CADERNO. Os Catequis-



tastambém faziam suas próprias anotações: a dinâmica, a bibliografia e observações pós-encontros, tudo era anotado. Mas infelizmente muito resumido.

Inf. - COMO FOI ACONTECENDO A DESCENTRALIZAÇÃO DA PASTORAL DE CRISMA ?

Catarina - Em 79 algumas comunidades começaram a preparação de crisma nos seus bairros. Os grupos da Catedral, conseqüentemente, vão ficando menores. Mas entre os catequistas havia pouco contato e cada um se virava como podia.

Durante a ASSEMBLÉIA PAROQUIAL cada setor de pastoral fez um trabalho em grupo. No grupo de Crisma nasceu a decisão de trabalhar juntos, ao menos em nível paroquial, já que em nível diocesano não existia ainda uma coordenação. Decididos a usar o mesmo subsídio, começamos a nos reunir semanalmente em nível de paróquia.

Inf - PARA QUE SERVIAM ESTAS REUNIÕES ?

Catarina - Começamos por dividir cada livrinho (eram quatro) em oito encontros cada um, corrigindo assim nossa experiência anterior em que dávamos o 1º em 15 encon-

e o 4º em um só dia. E assim chegamos a um esquema de 32 Encontros. Começamos também a reelaborar os nossos subsídios, que como já disse, eram

bastantes resumidos. Misturamos as experiências das várias comunidades. Criticamos e aprimoramos juntos os subsídios elaborados pelos grupos, até chegarmos a um resultado que nos parecesse satisfatório. Neste novo subsídio aparecia apenas o que o catequista devia preparar como material didático e uma proposta de dinâmica...

Inf - O PESSOAL GOSTOU ?

Catarina - Logo veio a exigência de colocarmos mais claramente o OBJETIVO de cada Encontro. Fizemos, então, várias tentativas, até que decidimos colocar tudo dentro do método VER-JULGAR-AGIR, re formulando os objetivos que não se enquadravam neste este esquema. Em seguida apareceu a necessidade de uma formulação clara da MENSAGEM CENTRAL, a fim de facilitar o



catequista na conclusão do Encontro. Além disso os catequistas exigiam de mim um SUPLEMENTO, o que daria mais segurança e uma melhor preparação sem que fosse necessário aos catequistas estudarem livros inteiros. O suplemento era apresentado e estudado nas reuniões semanais. Isto contribuiu muito na formação dos catequistas. Mas foi só em fins de 1980 que chegamos a um resultado satisfatório.



Inf. - MAS, AFINAL, QUAL ERA MESMO O OBJETIVO DE VOCÊS ?

Catarina - Nosso objetivo era o de trabalhar, todos, numa mesma linha e ajudar aos recém-crismandos que queriam ser catequistas, já que não existia na diocese oportunidade nenhuma de uma formação específica.

Podemos garantir que usando os SUBSÍDIOS durante um ano de REFLEXÃO-AÇÃO-AVALIAÇÃO, o catequista conquista para si uma certa formação.

Cada ano aparecia sempre mais crismandos que queriam ser CATEQUISTAS de Crisma.

Muitas vezes eram jovens de outras paróquias onde ainda não havia prepa-



ração. Nós os aceitávamos e eles ficavam acompanhando e colaborando com um dos catequistas mais experientes. Depois tentávamos implantar a preparação na própria paróquia com o apoio dos catequistas que os apadrinharam. Estávamos entrando no processo de DESCENTRALIZAÇÃO.

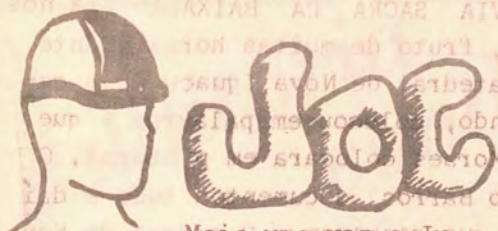
Os subsídios eram então miogRAFADOS. A 1ª edição foi de 100 exemplares e a 2ª de 250. No início de 81 tudo ficou pronto.

Inf. - VOCÊS CHEGARAM A PENSAR EM GRUPOS DE PERSEVERANÇA ?

Catarina - Houve algumas tentativas, que para dizer a verdade, não perseveraram. Depois de refletir sobre o problema, concluímos que os crismandos - "adultos na fé" - não deveriam continuar num grupinho separado,

mas que deveria se engajar nos vários campos de trabalho da Comunidade. Daí a idéia de convidar, num dos encontros, um representante de cada grupo de trabalho da Comunidade, para expor as atividades do seu grupo e estimular os jovens cristandados. Apesar disto, são poucos os que se integram e perseveram em algum trabalho comunitário.

Continua no próximo número.



Mais uma vez a Juventude Trabalhadora esteve reunida para celebrar a sua Semana Nacional.

Criada em 1970, a SEMANA NACIONAL DA JUVENTUDE TRABALHADORA, vem se realizando todo ano na data de 24 de abril à 1º de Maio.

Jovens de vários lugares do Brasil se encontram para discutir sua vida, seus problemas e causas fundamentais, colocam em comum suas aspirações, criatividade, possibilitando assim que mais jovens tomem consciência de seus problemas, seus valores e a partir daí assumam o compromisso de contribuir na transformação desta situação em que vivem.

Este ano a SEMANA DA JUVENTUDE deu um passo adiante por

que teve a característica de CONGRESSO, já em preparação do 3º CONGRESSO NACIONAL, que terá como tema: "CONTRA AS MÁS CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO E PELO DIREITO AO EMPREGO". Para isto já se lançou também uma pesquisa para que os jovens levantem a realidade em que vivem.

N O V A I G U A Ç Ã O

A JOC de Nova Iguaçu também em preparação do 3º Congresso Nacional, realizou em Tinguá, no dia 16 de maio, o encerramento da Semana da Juventude Trabalhadora.

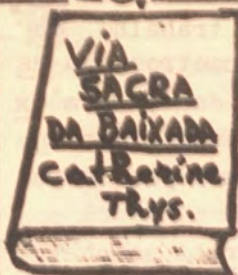
No dia 23 de maio a Equipe da JOC, realizou, no CEPAC a sua Reunião.

JOVEM TRABALHADOR!

VEM AÍ
O 3º CONGRESSO DA JUVENTUDE TRABALHADORA.

PARTICIPE !





VROS - LIVROS - LIVROS - LI

* VIA SACRA DA BAIXADA

Catherine S.M.J. Thys

Nós já conhecíamos a CATARINA das andanças pela Diocese como integrante da COMISSÃO DIOCESANA DE LITURGIA e da EQUIPE DA PASTORAL DE CRISMA, faltava ainda conhecer a sua poesia. Com o seu livro "VIA SACRA DA BAIXADA" ela nos premia com um poema dramático, fruto de muitas horas diante dos quadros da Via-Sacra da Catedral de Nova Iguaçu. Ela cap-
tou-lhes o sentido mais profundo, colocou em palavras o que o artista Athayde Pimenta de Moraes colocara em pinturas. O fotógrafo Helcio Jorge de Melo Barros documentou tudo e daí nasceu esta obra que todos os que conhecem a Catedral de Santo Antonio devem ler.

* IMAGENS DE POVO SOFRIDO

Dom Adriano Hypólito

Editora Vozes

Nosso irmão bispo, D. Adriano, amigo do Povo sofrido da Baixada, companheiro de luta e de martírio, se revela como poeta que faz da vida a verdadeira poesia. O que ele escreve ele vive no dia-a-dia de seus encontros com o Povo simples bom e ordeiro da Baixada. As "IMAGENS" ele as tem publicado, durante anos, em "A FOLHA" e agora as transformou em livro. É a sua homenagem, como bom franciscano, aos 800 anos de São Francisco de Assis. É a sua declaração de amor ao Povo Sofrido da Baixada, que produz no Rio a riqueza dos ricos e volta para casa ainda mais pobres.

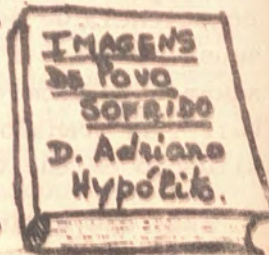
A VENDA na

LIVRARIA DO CEPAC

Rua Capitão Chaves, 60

Nova Iguaçu - RJ

Tel.: 767-0472



VROS - LIVROS - LIVROS - LI